

## O incrível inspetor Almeida

A fama do inspetor Almeida começou com a prisão espetacular do famigerado Chico Setefacas. Quando isso aconteceu, houve línguas maldosas que tentaram diminuir o brilho da façanha. Alegaram que os dois tinham ficado entalados, juntos, na mesma catraca do metrô e que só depois de serem libertados pelos mecânicos é que o inspetor ficou sabendo que seu companheiro de entalamento era o terrível Chico Setefacas. É claro, porém, que as pessoas de bom senso não deram ouvidos a essa maledicências.

Houve, depois, mais uma penca de casos, não menos espetaculares, resolvidos pela perspicácia do inspetor Almeida. De tantos, pode-se ainda citar a incrível prisão do falsário internacional Xerox Duke, especialista em duplicar livros didáticos em todo o mundo. Na época, a imprensa só falava do faro inacreditável do inspetor Almeida. Ao perceber que Xerox Duke estava habilmente disfarçado como uma inocente velhinha, arremeteu o carro contra ele. Infelizmente, mais uma vez, surgiram invejosos, acusando o inspetor de atropelar uma velha ao engatar a marcha à ré por engano. Diziam até que quem tinha descoberto a verdadeira identidade da velhinha teria sido uma enfermeira do hospital para onde a atropelada fora levada inconsciente. Não seria, porém, a inveja de alguns que haveria de diminuir a admiração de tantos.

Poderíamos também citar a solução do caso da misteriosa mortandade que dizimou quase toda a população de uma cidadezinha. Quando Almeida lá chegou para iniciar as investigações, sua perspicácia logo o levou a começar pelo lugar certo: a igreja da praça principal. Pois foi só Almeida entrar lá e esbarrar na santa padroeira da localidade, que o caso foi solucionado na hora. A imagem quebrou-se e no seu interior revelou-se um fabuloso tesouro, ali escondido desde o tempo das capitânicas hereditárias. O pároco, sem que ninguém lhe perguntasse nada, na mesma hora confessou sua culpa para um embasbacado Almeida. Confessou que, junto com duas beatas, havia descoberto o tesouro. Consequira a promessa de silêncio absoluto das duas mulheres mas, temendo que aquelas conhecidas fofoqueiras dessem com a língua nas dentaduras, encontrara a solução envenenando os pés da santa. As duas, ao beijá-los, como faziam todas as manhãs, caíram fulminadas. Com essa providência, o pároco não só se viu livre das duas beatas como também de quase toda a paróquia. Mais um sucesso do incrível Almeida! E que ninguém mais ouse afirmar que ele só entrou na igreja porque a tarde estava muito quente e aquele era o único lugar mais fres-

quinho da redondeza e que ele teria esbarrado na santa sem querer, depois de ter tropeçado num genuflexório. Chega de inveja e maledicência!

- Incompetente! – alegavam os invejosos.
- Inteligente! – rebatia a mãe do inspetor Almeida.
- Um Clouseau! – menosprezava a imprensa.
- Um Sherlock! – retrucava a já citada mamãe.
- Um Frank Drebin! – criticavam os outros policiais.
- Um Poirot! – rebatia a velha senhora, já entrada em anos, mas ainda fã ardorosa de Agatha Christie.

Polêmica à parte, alguém aí há de citar o rumoroso caso das castanholas envenenadas, mas seria inútil entrar em detalhes sobre um fato tão sobejamente conhecido na época, notoriedade esta logo ultrapassada pelo caso que viria em seguida. Sua solução foi a responsável por inscrever o inspetor Almeida para sempre no panteão dos grandes heróis da investigação policial.

A história verdadeira é a que se segue. É preciso que, agora, seja narrada em detalhes, para que nunca mais pare qualquer dúvida a respeito da sagacidade do fantástico inspetor Almeida.

Depois do caso das castanholas envenenadas, o inspetor Almeida voltava de Madri, onde tinha chegado por engano ao embarcar para uma excursão à Disneylândia. Depois de o jato ter pousado no Galeão, Almeida entrou em uma fila de embarque em vez da de desembarque e acabou em Nova Iorque.

Lá, enquanto esperava as providências do consulado brasileiro, que cuidava de seu repatriamento, Almeida aproveitou para conhecer em detalhes a técnica de seus colegas da famosa polícia nova-iorquina. Comprou um chapéu do Mickey, tomou contato com diversos *sex-shops*, visitou o zoológico e, em seguida, nosso bravo policial não conseguiu comunicar-se corretamente com o motorista de táxi acerca do endereço do hotel e acabou desembarcando em frente às Nações Unidas.

Como sempre acontecia consigo, o acaso o trazia mais uma vez para o coração de um incidente policial importante, o mais importante de sua brilhante carreira. O acaso colocava a pessoa certa, no local certo, no momento exato.

Naquela tarde, o edifício das Nações Unidas estava em polvorosa. Durante a Assembleia

Geral, o representante dos Emirados Árabes caíra morto quando discursava ao plenário!

Policiais estavam por toda parte, espalhando cordões de isolamento para organizar as filas, porque só havia um pipoqueiro. A fiscalização estava atenta, para impedir que os preços dos *hot-dogs* subissem devido à grande demanda. E a imprensa se acotovelava, procurando o melhor ângulo para fotografar uma deputada italiana, que aproveitava a ocasião para fazer *strip-tease* nas escadarias das Nações Unidas.

Em meio àquele pandemônio, Almeida deu um trambolhão em alguém. Ambos apressaram-se em desculpar-se e abaixaram-se para pegar as maletas, que haviam caído no encontrão.

Dois minutos depois, um policial aproximou-se do inspetor Almeida, pegou-o pelo braço antes que ele caísse em cima da deputada italiana e pediu sua identificação. O inspetor abriu a maleta e o policial verificou os documentos. Bateu continência e, respeitosamente, o convidou a entrar e unir-se à investigação. Sem perder nem um segundo (bem, talvez só um ou dois minutinhos, para averiguar como ia o final do *strip-tease*), Almeida entrou no plenário das Nações Unidas, à testa da investigação daquela morte inexplicável e politicamente incorreta embora, até aquela altura, nosso policial não fizesse a mínima ideia do que estava acontecendo. Só o seu faro de buldogue o levava a afrontar aquele desafio, qualquer que fosse ele.

Ah, a fama do nosso bravo investigador tinha chegado até Nova Iorque! E que ninguém venha com a absurda explicação de que Almeida recebera aquele convite só porque, depois do encontrão, trocara sua maleta com a do chefe de polícia da Interpol. Esse foi, sem dúvida, um detalhe de mínima importância, pois a cara do Almeida era muito mais conhecida do que qualquer maleta.

Apenas entrou no saguão do imponente edifício das Nações Unidas, nosso ousado inspetor percebeu a importância do seu papel ali. Como era de seu feitio, imediatamente fez as perguntas básicas que o momento exigia e deu uma dúzia de ordens rápidas e secas, o que a todos os funcionários da ONU muito impressionou, embora ninguém as tenha cumprido. Isso porque não havia ali quem entendesse a profundidade do que dizia o inspetor Almeida, além do fato de a única intérprete de português escalada para aquela tarde ter marcado hora no ginecologista.

Sem perder a paciência – pois essa é a principal virtude de alguém que, como ele, sabe que uma investigação baseia-se na calma e paciente pesquisa de cada detalhe, de cada indício – Almeida passou a procurar ele mesmo o banheiro.

Depois de servir-se do toalete das senhoras, o inspetor conseguiu, sem nenhuma ajuda, descobrir o caminho da cozinha, onde ainda foi possível encontrar suculentos canapés, que haviam sobrado do coquetel da véspera.

Ah, nada escapava à argúcia daquele investigador!

Resolvida minuciosamente aquela parte da investigação, Almeida guardou no bolso, como prova, algumas azeitonas que sobraram, e voltou à cena do crime.

Um grupo de árabes jogava gamão debruçado em volta do cadáver. Afastaram-se respeitosamente à chegada de Almeida, para que sua entrada intempestiva não derrubasse as peças do tabuleiro, mostrando que até nas terras do petróleo o nome do nosso herói merecia reverência.

Lá estava o infeliz embaixador, caído por trás do pódio onde discursara. Seus olhos fitavam fixamente a abóbada do grande salão. Almeida seguiu aquele olhar, ficando também um tempo enorme a olhar para cima, tentando descobrir o que chamava tanto a atenção da vítima. Acabou desistindo, pois de nada adiantava perguntar ao cadáver as razões de tanta atração por um simples teto, e concentrou-se no morto propriamente dito.

Ao examiná-lo, percebeu imediatamente que tudo o que se falava da mais bem equipada polícia do mundo não passava de propaganda. Aqueles tiras eram verdadeiros amadores! Antes mesmo do início das investigações, já haviam envolvido a vítima em uma mortalha. Que absurdo!

Almeida apressou-se em livrar o árabe morto daqueles panos brancos e deixou-o de cuecas, ainda a olhar para o teto.

O corpo nu pouco acrescentou a tudo que o nosso investigador já tinha descoberto mas, minucioso como era, Almeida anotou em sua agenda a cor das cuecas do embaixador que, por sinal, eram douradas.

Virou e revirou o corpo. Nenhuma mancha de sangue, nenhuma punhalada visível, nenhuma marca de bala. Além de uma cicatriz de vacina contra a varíola no braço esquerdo, que ele zelosamente anotou na agenda, nosso detetive não encontrou nenhuma marca especial, e naturalmente desconsiderou duas pequenas marcas de espinhas recém-extraídas de seu avantajado nariz.

Concentrado, Almeida encostou-se no pódio, meditando sobre os detalhes daquele estranho caso, que estava a desafiar-lhe a competência e a exigir-lhe superação.

À sua frente, mais de uma dezena de microfones curvavam-se em sua direção,

como se dele esperassem a continuação do pronunciamento interrompido pela morte.

Mais adiante, muitos rostos imóveis arregalavam-se para ele, todos também à espera do que faria aquele policial com chapéu do Mickey.

Contrariando sua sisudez costumeira, marca registrada de sua competência, Almeida sorriu ao examinar aquelas pessoas. Além dos policiais, estavam ali representantes de todos os países, cada um com seu traje característico.

Ao lado de um lorde inglês de casaca e de um hindu de turbante, um homem gordo, absolutamente calvo, enrolava-se em uma maçaroca de panos cor-de-rosa. Certamente devia ter perdido até as roupas no jogo de gamão e tivera de apelar para os vestidos da esposa para não sair pelado das Nações Unidas, levando vergonhoso vexame para as cores de sua pátria, quaisquer que fossem elas.

Almeida levantou-se do pódio e encaminhou-se em direção ao gordão careca e cor-de-rosa. O homem fixou os olhos no investigador e recuou, esbarrando na cadeira e caindo para trás. Levantou-se, antes que Almeida parasse de rir e, dando-lhe as costas, retirou-se rapidamente.

Nosso bravo detetive notou que algo caíra dos panos do careca. Parecia uma flauta. Um canudo longo, escuro, cheio de furos, desses que se dá de presente às crianças e se toma de volta um minuto depois, logo que os diabinhos começam estridentemente a usar o brinquedo.

Foi esse o momento.

O grande momento do inspetor Almeida, em que o mundo inteiro curvou-se diante da sutileza dos métodos investigativos daquele verdadeiro gênio.

Almeida, despreocupadamente, examinou a flauta e levou-a aos lábios. Um som agudo envolveu todo o ambiente.

Foi aí que, do meio do paliteiro de microfones do pódio, um dos microfones mexeu-se!

Homens de terno, de uniforme, de farda, de fraque, de casaca, de *smoking*, de sarongue, de albornoz e de tanga estarreceram-se: escondida até então entre os microfones, uma naja estendia-se para a frente, bamboleando-se ao som da flauta!

Uma cobra! O careca cor-de-rosa, gordo e fugitivo, tinha escondido uma serpente venenosa entre os microfones, treinada para, ao mínimo som da flauta, atacar mortalmente quem estivesse à sua frente! E o desavisado embaixador árabe tinha recebido uma simétrica e fulminante picada bem na ponta do nariz!

Depois de toda a confusão que se sucedeu à miraculosa descoberta do inspetor Almeida, a polícia foi encontrar o embaixador de Bangladesh escondido debaixo da cama. Na verdade, o gordo cor-de-rosa estava escondido debaixo da cama de uma das sessenta e oito esposas do embaixador dos Emirados Árabes, que fora assassinado covardemente por negar-se a compartilhar com um colega nada mais do que um sessenta e quatro avos de seu harém!

A imprensa do mundo inteiro abandonou a deputada italiana, que fazia o seu terceiro *strip-tease* e já estava enjoando, e voltou todas as atenções para o incrível inspetor Almeida. Coisa nunca vista. Consagração como raros detetives jamais tiveram em toda a sua vida! E o mundo teve de boquiabrir-se vendo estampadas em todos os órgãos de imprensa as fotos do nosso herói ainda usando o chapéu do Mickey!

Como prêmio pela rapidez com que tinha resolvido um caso tão importante, nosso inspetor foi convidado a ficar mais uns tempos em Nova Iorque, mesmo porque a passagem aérea que o consulado brasileiro tinha conseguido para extraditá-lo fora usada pelo chefe de polícia da Interpol que, sob protestos, tinha sido embarcado à força para o Brasil. Um confusão de documentos, explicaram.

Mas isso nada tem a ver com esse caso, mesmo porque esses papéis acabaram tendo pouca importância, pois a carteira, os documentos e a maleta do chefe de polícia da Interpol acabaram sendo roubados de Almeida no Harlem, onde estivera por engano nosso herói, enquanto olhava para cima, a procura da estátua da Liberdade.

Agora, quando o país inteiro espera a volta à pátria desse incrível investigador, é preciso que mais nenhuma dúvida venha a manchar sua biografia.

Bem, talvez o inspetor Almeida ainda demore um pouco, pois, no momento, ele está no Japão, onde, por engano...